

SILVA, Márcia Maria da; SALDANHA, Dinah Cristina Pereira da Silva; FILHO, Max Flávio da Silva Galdino. *Povos de matriz africana e comunidades tradicionais: resistência no terreiro da casa grande ao terreiro de umbanda*. RESC Revista de Estudos SocioCulturais, v2., n.3, março/junho de 2022, p. 113-122, ISSN 2764-4405.

POVOS DE MATRIZ AFRICANA E COMUNIDADES TRADICIONAIS: RESISTÊNCIA NO TERREIRO DA CASA GRANDE AO TERREIRO DE UMBANDA

People from african matrix and traditional communities:
resistance in terreiro da casa grande to terreiro de umbanda

Márcia Maria da Silva¹

Dinah Cristina Pereira da Silva Saldanha²

Max Flávio da Silva Galdino Filho³

RESUMO: O presente artigo tem como intuito demonstrar o processo de construção de identidade e resistência do povo de matriz afro no terreiro da casa grande bem como os griôs e filhos nos terreiros de umbanda. Num país onde o povo negro chega na condição de ser escravizado pelo branco europeu colonizador torna-se difícil, porém importante travar-se lutas para não ver perdida ou esquecida suas raízes, sua cultura. Para tanto os terreiros da casa grande palco de eventos grotescos de castigos e mortes torna-se também local destinado ao culto do sagrado e resistência por muitos anos. O negro tem papel importante na construção da história sociopolítica e econômica desse país. E ele encontra na sua religiosidade um espaço para resistir; guardiãs e detentores de saberes ancestrais, manter sua cultura viva torna-se um meio de vida. Os terreiros de Umbanda também são espaços de resistência, de luta, mesmo sendo a Umbanda uma religião jovem e genuinamente brasileira, tem suas raízes afro, como o culto aos orixás e a luta por melhorias. Para tanto, faz-se necessário estarmos considerando o pensamento de alguns autores, como: Petit (2009, 2012 e 2015), Janaina (2010), Machado (2019), Bâ Hampaté A (1978). Este trabalho discute a necessidade de levar em consideração a importância da história de vida e luta das comunidades tradicionais de terreiros como continuidade de luta

¹ Graduada em Pedagogia pela UERN. Especialista em Arte Educação, com ênfase em Teatro, pela FVJ. Especialista em Antropologia pela FAVENI.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2018).

³ Graduando em Educação Física pela Universidade Paulista.

para manter viva a história de protagonistas marginalizados na nossa história pelo olhar eurocentralizado do branco nos chegando como cultura menor ou menos importante. Com base nas pesquisas bibliográficas fica evidente que apesar dos avanços nas políticas públicas, dos espaços de fala conquistados, ainda há enraizado o preconceito étnico-racial e religioso e consequentemente a falta de respeito por essas comunidades que detêm tão importantes conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades Tradicionais de Terreiros. Umbanda. Resistência. Saberes Ancestrais. Luta. Preconceito.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate the process of identity construction and resistance of the people of African origin in the terreiro da casa grande, (Umbanda temple in the Lord of slaves' house) as well as the "griôs" and their children in the umbanda's terreiro. In a country where the black people get the condition of being enslaved by the colonizing white European, it becomes difficult but important to fight in order to not see their roots, their culture, lost or forgotten. For that, the "terreiros" of the "casa grande", a stage of grotesque events of punishments and deaths, also becomes a place destined to the devotion to the sacred and resistance for many years. Black people play an important role in the construction of the socio-political and economic history from this country. And they find in their religiosity a space to resist; guardians and holders of ancestral knowledge, keeping their culture alive becomes a way of life. Umbanda's terreiros are also spaces of resistance, of struggle, even though Umbanda is a young and genuinely Brazilian religion, it has its African roots, such as devotion to the "orixás" and the fight for improvement. Therefore, it is necessary to consider the thoughts of some authors such as: Petit (2009,2012 and 2015), Janaina (2010), Machado (2019), BÂ, Hampaté A (1978). This paper discusses the need to consider the importance of the history of life and struggle of traditional communities of umbanda's terreiros as a continuation of the struggle to keep alive the history of marginalized protagonists in our history by the white people's Euro-centralized view reaching us as a minor or less important culture. . Based on bibliographical research, it is evident that despite the advances in public policies, the conquered spaces of speech, ethnic-racial and religious prejudice is still entrenched and, consequently, the lack of respect for these communities that have such important knowledge.

KEYWORDS: Traditional Communities of Terreiros. Umbanda. Resistance. Ancestral knowledge. Fight. Prejudice.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar o processo de luta e construção das Comunidades Tradicionais de Terreiros por visibilidade e

políticas públicas, bem como pertencimento e resistência, de uma Cultura de saberes ancestralizados e perpetuados mediante luta contínua desde os terreiros das casas grandes dos senhores de engenhos, e hoje ainda resistindo nos terreiros de religiões de matriz afro, tomando como ênfase o terreiro de Umbanda. Entendemos que são vários os espaços de fala e de escuta a se conquistar e com esse almejamos oportunizar essas discussões.

É certo dizer que as comunidades tradicionais de terreiros são espaços sagrados de luta de resistência e detenção de saberes ancestrais. Mas falar dessas comunidades requer de nós que façamos uma pequena retrospectiva, uma viagem no tempo, mais precisamente para o Brasil Colônia.

Foi nesse período, com os negros chegados ao nosso país na condição de escravos que dar-se início toda uma história de luta em busca de liberdade e pertencimento. O grito advindo das senzalas e ecoados nos terreiros da casa grande demonstravam a todo momento a insatisfação do povo negro com sua condição de escravo.

Negros advindos de vários lugares e nações: Bantos, Nagôs, Jêje, kêto, Angola entre outros; arrancados do seio da mãe África. Reis e rainhas, príncipes e princesas, antes amados e respeitados agora desonrados, maltrapilhos, maltratados, e humilhados expostos as mais diversas situações desumanas. E é nesse contexto em que o terreiro da casa grande, palco de castigos e mortes, ver florescer nesses homens e mulheres o desejo de liberdade e a luta por resistência numa busca frenética de manter viva sua identidade, sua cultura nesse novo país chamado “Brasil”. De acordo com Petit:

A Ancestralidade assenta-se na terra-mãe: “o que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios” (op. cit p.22). Ou no caso dos negros da diáspora, em espaços de culto como os terreiros que se tornam depositários dos símbolos da Origem mítica. (PETIT, 2009).

Não seria fácil manter viva sua história, sua ancestralidade, mas se tornaria necessário para tentar manter vivo dentro de cada um a África e o sonho do retorno a sua terra.

O TERREIRO DA CASA GRANDE: ESPAÇO DE CASTIGO, MAS TAMBÉM ESPAÇO DO RITUALÍSTICO, DO SAGRADO E DA RESISTÊNCIA

Na busca constante e diária pela liberdade e com o desejo de manter viva sua cultura o negro transforma o espaço que ocupa no terreiro da casa do seu senhor num espaço de fala e de luta. O negro durante todo o dia trabalhava muito sobre o sol escaldante nas plantações de café e afazeres domésticos, sem descanso algum e sobre o olhar maldoso do capitão do

mato; mas quando chegava à noite e lhe era permitido sair da senzala o negro cantava saudando seus Orixás, dançava e sua dança era uma maneira de manter viva sua cultura. De acordo com Petit e Cruz:

A Dança e a música podem ser muito transformadoras. Ritmo e rito. O ritmo é a ordenação desse movimento transformador- expressivo. Através dele junta-se o que estava separado, isto é, indivíduo e cosmo. A dança é um jogo de descentramento, uma reelaboração simbólica do espaço que abole provisoriamente as diferenças com o tempo, porque não é algo especializado mas espacializante, ou seja, ávido e aberto à apropriação do mundo, ampliador da presença humana, desestruturador do espaço/tempo necessariamente instituído pelo grupo como contenção do livre movimento das forças. (PETIT E CRUZ, 2009).

Mesmo com os negros tendo sido separados de suas famílias, de sua comunidade e de sua terra natal, encontra no terreiro um caminho de e para preservação das suas raízes.

Para os negros vítimas do escravismo criminoso foi fundamental, diante do esfacelamento dos laços familiares e da desterritorialização forçosa, a recreação de uma linhagem para a transmissão e preservação de sua comunidade. Tal linhagem foi providenciada sobretudo pelo terreiro de Candomblé, enquanto espaço ritualístico de recomposição e reelaboração dos elos fragmentados pela sociedade que destinava ao negro, quer seja ao não lugar (sem direito a terra, e na pós abolição também excluído da moradia e do emprego pela preferência dada ao imigrante europeu). (PETIT, 2009, p. 3).

Para tanto, várias foram as estratégias de resistência utilizadas pelos negros nos terreiros da casa grande, como por exemplo, a dança. Pois ao dançar o negro tem um corpo livre, um corpo que fala, um corpo que gesticula, um corpo que opera como espaço de manifestação, de força, de ritual. Esse corpo opera como um espaço que só pertence ao negro, esse espaço é templo do sagrado que emana força, que transpira determinação, beleza e Axé, e é uma conexão com sua ancestralidade. Nesse espaço o seu senhor não manda, pois esse espaço é livre da escravidão; lá a chibata do feitor não chega e o medo não faz morada. Esse corpo de dança ou para a dança também utilizado nos terreiros de Umbanda perpetuam esse espaço do sagrado e da resistência. Dançar com o Orixá ou para o Orixá é estar em harmonia e em conexão direta com nossa ancestralidade. É estar circundado com os elementos ligados a natureza. Para Petit (2015, p. 72), “ao executarmos danças de matriz africana, conectamo-nos com os ancestrais, desde os mais remotos tempos de uma civilização milenar, que nos traz as vivências das rodas, debaixo de árvores frondosas, nos terreiros, quintais e praças”.

Outra estratégia de preservar sua cultura na nova terra onde a cultura do branco era opressora, destruidora e acima de tudo preconceituosa, era manter avivada sua cultura ancestral, que tornou-se um processo difícil e

doloroso. Então o povo negro continua utilizando mais estratégias, como o culto aos Orixás. Como cultuar os seus orixás? Como guardar seus axés, sabendo-se que aos olhos dos brancos senhores de engenho qualquer culto ao seus Orixás seria considerado bruxaria?

O negro então passa a fazer a utilização de imagens de santos ligados ao catolicismo. Essas imagens eram diferentes das outras em um aspecto muito singular: essas imagens eram ocas, e por isso conhecidas como santos do pau oco (Imagens ocas com um pequeno furo embaixo onde negros guardavam em seu interior o altar do orixá).

Hoje os terreiros de Umbanda ainda utilizam imagens dos santos ligados à igreja católica, embora não seja com o mesmo propósito de antes, embora o preconceito étnico religioso seja uma realidade bem visível em nossa sociedade. O culto aos Orixás é livre e temos uma Lei que diz que temos o direito de culto. Essas imagens acabam por exercer ainda hoje esse papel de sincretismo porque a Umbanda acabou por beber um pouco também do Cristianismo, assim como o fez com o espiritismo e o Kardecismo.

Esses sincretismos funcionavam da seguinte maneira: Ogum com Sincretismo em São Jorge, Oxóssi com sincretismo em São Sebastião, Obaluaê com sincretismo em São Lázaro, Iemanjá com sincretismo em Nossa Senhora, Oxum com sincretismo em Santa Terezinha, Iansã com sincretismo em Santa Bárbara, Xangô com sincretismo em São Jerônimo, Oxalá com sincretismo em Jesus Cristo, as crianças com sincretismo em Cosme e Damião, entre outros. Cada dança, cada olhar, cada conversa, cada movimento tinha uma finalidade, pois eram momentos preciosos que não podiam ser desperdiçados.

TERREIROS DE UMBANDA: DETENTORES DE SABERES ANCESTRAIS E ESPAÇOS QUE RESISTEM

A Umbanda apesar de ter matrizes africanas é uma religião jovem e genuinamente brasileira, pois teve sua fundação no ano de 1908, no Estado do Rio de Janeiro, mas precisamente em Niterói, onde o médium Fernandino Zélio de Moraes incorporando o Caboclo Sete Encruzilhadas fundou essa religião. Teve sua primeira tenda por nome “Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade”. A Umbanda nasce do desejo pela quebra de preconceito, amor e caridade aos menos assistidos. De acordo com Janaina Azevedo:

A Umbanda tradicional tal e qual a conhecemos foi fundada em 1908 por Fernandino Zélio de Moraes, nascido aos dez de Abril de 1821, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Historicamente podemos dizer que ele foi o fundador do que entendemos hoje por Umbanda Tradicional

(ou anunciador dessa doutrina por meio de sua entidade- guia, o Caboclo Sete Encruzilhadas). (AZEVEDO, 2010).

A Umbanda já nasce com o propósito de combater o preconceito, pois até então outras doutrinas como o Kardecismo (Doutrina religiosa, filosófica, mediúnica e moderna espiritualista de moral cristã) onde os espíritos que ali baixavam eram espíritos evoluídos e não se permitia espíritos de “índios” ou “escravos”. O caboclo Sete encruzilhada vem para fundar uma religião onde todos são aceitos, onde não há distinção de espíritos evoluídos ou atrasados, todos são bem vindos.

Então podem perguntar: onde cabe os Terreiros de Umbanda como povos de resistência se a própria religião é brasileira? A Umbanda é um misto de Kardecismo e Espiritismo, absorvendo das duas doutrinas um pouco de cada. Traz consigo matrizes africanas do culto aos Orixás, bem como ligação direta com os elementos da natureza. Os terreiros de Umbanda tem sido desde sua fundação espaços de combate ao preconceito étnico- racial, combate ao preconceito religioso, espaço do sagrado e lutas por melhorias através das políticas públicas para a comunidade.

Os Terreiros de Umbanda são comunidades tradicionais, espaços de culto ao sagrado, cultura de tradição Oral e como tal tem papel importantíssimo no processo de construção e ensinamentos. Os pais ou Griôs (Detentores dos saberes) dedicam suas vidas ao estudo e ensinamento do sagrado. Sua história passada de pai para filho de maneira oral mantendo as tradições advindas de outras religiões de matriz africana como o candomblé.

Foi no Candomblé os negros conhecidos por pretos velhos cuidam em passar, em compartilhar com os mais jovens a história de seus antepassados mantendo assim viva sua cultura. “Acredita-se na preeminência dos mais velhos como detentores de axé pela sabedoria adquirida pela vivência” (PETIT, 2009). Foi no Candomblé que negros adeptos conhecidos por pretos velhos trabalhadores das plantações de café de grandes fazendas mantiveram viva suas lendas, sua culinária, suas danças, seus cânticos, seus orixás. Segundo Petit:

Além de intimamente ligada ao sagrado, a tradição oral se funda na iniciação e na experiência, o que produz formas de aprendizagem totalmente diversas das predominantes no ocidente. Assim os conteúdos da tradição oral incluem histórias, lendas, mitos, provérbios, adágios e a genealogia da família e da comunidade. Esses conteúdos são passados de forma assistemática, essencialmente pela experiência e segunda as circunstâncias da vida. (PETIT, 2009).

É importante dizer que numa sociedade de livros em que a escrita se sobrepõe a fala, culturas da oralidade eram mal vistas e como tal

pouco valorizadas. O livro é enfatizado quando se trata de contar a história e as vezes visto como verdade absoluta.

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. (BÄ, 1987).

E pensar que durante muito tempo as culturas da transmissão oral foram negligenciadas e mal quistas, culturas consideradas menores ou menos importante, quando na verdade são culturas riquíssimas, que guardam a história de um povo. Só após as guerras e com empenho grande de etnólogos de todo o mundo essa realidade vai sendo dissipada. E o mundo vai tomando conhecimento da riqueza e da beleza da cultura afro, mesmo com o preconceito exacerbado e perseguidor o negro ganha força e espaços significativos, embora não seja no tempo hábil e corrido com que se deseja. Isso acontece em todas as esferas da sociedade: religiosa, econômica e política. Segundo Machado:

“...a oralidade é uma das características fundamentais da cultura africana, especialmente nas sociedades tradicionais, é um modo de ser, de estar no mundo. Podemos considerá-la, na atualidade, como um importante instrumento metodológico para reconstituição e continuidade da história local, da história africana em terras brasileiras. Ela é imprescindível para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas, das epistemologias dos seus diferentes povos e é por meio dela que a palavra faz-se elemento produtor da história, formador da comunidade, da pessoa e de tudo que existe. É com a palavra que se educa (MACHADO, 2019).

A ligação da Umbanda com os elementos da natureza é uma outra característica de religiões de matriz afro. A indissociação homem-natureza fica evidente nos cultos, a ritualística do manuseio dos elementos como a água, o fogo, as plantas, as pedras, o vento, a terra tem toda uma significação, tem toda uma fundamentação. Por exemplo: a água para o batismo, para purificação, para cozinhar, para o banho de limpeza, para as pinças, para esfriar o ambiente. E os banhos de limpeza são elementos ritualísticos do povo de terreiro que tem grande relevância dentro dos cultos. Segundo Janaina (2010):

Banhos são infusões que visam manipular as energias dos mais diversos elementos a fim de trocar, recolocar, fortificar ou enfraquecer de acordo com a necessidade, um dado campo energético. Com conhecimento e propriedade, eles podem ser aplicados em pessoas, animais, locais, conforme o caso. Eles limpam as energias em excesso, aumentam a capacidade receptiva do médium e mantêm energia adequada dos corpos físicos.

A terra é o elemento que cuida do contato do homem com a força que emana do solo. As plantas por meio de frutas (Ossé de Frutas), as ervas para dos banhos de limpeza (Manjeriço, Tipi, Espada de São Jorge), os Chás (Boldo, Hortelã, Erva doce), Folhas para ornamentar os terreiros e para Amacis (Espada de São Jorge, Aguapé, Manjerona), o Fogo para retirada de Eguns, para iluminar o ambiente, para cozinhar comidas e oferendas para as entidades e orixás, a fogueira para reunir a comunidade, entre outras.

São muitos os elementos da natureza e suas significações dentro do contexto negro-natureza. E o fogo tem lugar cativo e indispensável nos momentos de reuniões, de rituais de dança da comunidade; pois é nesse momento que as energias se juntam, se circundando os que estão compondo o círculo ao redor do fogo. Aí temos mais uma simbologia presente que é o círculo; muito utilizado tanto pelo negro do Brasil colônia quando se reuniam nos terreiros da casa grande como também nas Comunidades Tradicionais de terreiros de Umbanda quando formam a “gira” (círculo feito pelos médiuns que funcionam como espaço para chegada das entidades). A gira faz parte do culto ao sagrado, é nela que a comunidade dança, é nela que a comunidade canta e recebe as energias positivas que vão buscar. Essa gira é na maioria das vezes acompanhada por tambores que funcionam como objeto de contato direto entre os presentes e as energias que são chamadas por ele, funcionando como elo de ligação. É no terreiro que as pessoas recebem o axé. Para Petit e Cruz:

Culturas de arké acreditam no axé enquanto lugar de onde irradia a força. Não se trata de força física nem de dominação e sim de poder de realização, de engendramento. Nos terreiros o axé se planta tanto na terra como nos indivíduos, associando-os ambiente físico e humano. As pessoas recebem o axé através de seu corpo, pelo sangue, pelos frutos, pelas ervas e oferendas rituais bem como pelas palavras pronunciadas. O axé é a força de fecundidade (biológica e material), de proteção (contra os inimigos e as doenças) e de melhoria da condição social. É também uma força de potencialização, que dá autoridade aos componentes da comunidade e à comunidade como um todo. (PETIT E CRUZ, 2009).

Essas culturas, onde os saberes são passados de geração para geração e que tratam da simbologia, que encontramos presentes nos Orixás, encontramos presentes também no espaço concebido através da resistência, são culturas que caminham em comunhão com a natureza, por tanto são culturas ecológicas. De acordo com Petit:

As culturas de arké são saberes do símbolo: símbolos presentes nos Orixás e rituais das religiões de matriz africana, símbolos nos elementos da natureza, símbolo nos territórios criados em meio às diversidades da vida da diáspora (dança, música, capoeira, culinária, praças, ruas, bairros, morros); símbolos no uso encantado da palavra. (Petit 2009).

Ainda de acordo com Petit:

As arkés são ecológicas, pois realizam a confraternização do ser humano com as plantas, animais e minerais. Essa dimensão ecológica é a indissociabilidade da natureza e da cultura. É o corpo integrado, diferente do corpo fragmentado que a medicina alopática trata. É também um corpo que se integra a comunidade e é a comunidade considerada corpo, uma vez que o que afeta a um de seus componentes afeta a todos.

Dentro dessa perspectiva da ligação homem-natureza vale salientar também a importância dos espaços de ritualística para o sagrado na natureza ligados aos elementos como: a praia como espaço ritualístico para o culto a orixá Iemanjá rainha do mar, os rios como espaço ritualístico para culto a orixá Oxum, rainha dos rios, as pedreiras como espaço ritualístico para o orixá Xangô, rei da Umbanda, as matas como espaço ritualístico para o orixá Oxóssi, o rei das matas e assim por diante. São espaços da simbologia, onde está sincretizada a força, a memória e o achegamento com a divindade orixá. Pois são esses espaços responsáveis pelo contato direto e imediato da comunidade com o axé. São nesses locais que a força e a presença dos orixás são evidenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho proporcionou-nos momentos de aprendizagem de suma importância no nosso processo de formação, pois, o mesmo tornou possível demonstrar o processo de construção de identidade e resistência do povo de matriz afro tanto no terreiro da casa grande, quando o negro chega na condição de escravo em nosso país, como nos terreiros de umbanda, com os griôs e filhos da casa. Esse trabalho nos levou, a partir de nossas leituras, por caminhos de lutas e estratégias de resistência vivenciada pelo povo de matriz afro no percorrer da história. O mesmo acabou por nos possibilitar, comparar e relacionar a resistência do povo negro no terreiro da casa grande no Brasil colônia e a luta dos povos de comunidades tradicionais de terreiro da Umbanda por melhorias através de políticas públicas. Percebemos durante o discorrer desse trabalho quão importante foi o papel do negro na construção do nosso país. Nesse sentido salientamos a força que tem o espaço do sagrado nesse processo, uma cultura que resiste a partir de sua religiosidade e ligação com a natureza.

O espaço do sagrado como resistência e caminho para se manter viva toda uma cultura que o branco colonizador tentou a todo momento apagar da história. E conceber que essa resistência vive ainda hoje por meio das comunidades tradicionais de terreiros só vem reafirmar que toda a luta travada pelo povo de matriz afro não só valeu a pena, mas nos dar a certeza de que abordar temáticas ligadas as questões étnico-raciais, se faz ainda mais necessária. Entendemos esses momentos como espaços de fala e de

certa maneira de resistência. Não devemos e não podemos nos calar, todo e qualquer momento é um espaço de visibilidade e por isso válido.

Ao nos debruçarmos sobre essa temática somos levados imediatamente a uma reflexão sobre quão importante e forte são as culturas da oralidade, que mesmo passando por tantos percalços durante sua história, mesmo sendo consideradas culturas menores, mesmo sendo menosprezadas, resistem bravamente. Mas também somos levados à concluir que há muito o que avançar, e como precisa avançar. Como se faz necessário criar e oportunizar, bem como ocupar espaços de fala e de escuta destinados a discussão de temáticas étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janaina. **Tudo que você precisa saber sobre Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2020. V. 2.

BÂ, Hampaté A. A Tradição Viva In: VERBO, J-KI: História Geral da África, São Paulo, Ed. Ática: 1987. Páginas 181-218.

MACHADO, Adilbênia Freire. **FILOSOFIA AFRICANA: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades**. Fortaleza, Ed. Imprece, 2019.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. **Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação**. Caxambu: ANPEd, 2009.

PETIT, Sandra Haydée; **Pretagonia: Pertencimento, corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras**. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10639/03. Fortaleza/CE 2015.